

## A POESIA QUE TRANSBORDA O RIO: A MÚSICA DE CAMILLO, A PALAVRA DE MANOEL DE BARROS E A SINCERIDADE EXPRESSIVA DA CRIANÇA

Autora: **Cláudia Cristina dos Santos Andrade**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Doutora em Educação(USP)

Professora Adjunta do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira(desde 1996), líder do GEPEJI, docente no DEF(Departamento de Ensino Fundamental) e no PPGEB(Programa de Pós Graduação em Ensino de Educação Básica). Coordenadora do CINECAP(Cinema na Educação Básica: Experiência e Formação no CAp/UERJ).

Professora na Universidade Estácio de Sá. Curso de Pedagogia.

[claudiandrade1466@gmail.com](mailto:claudiandrade1466@gmail.com)

Coautores: **Wemerson de Freitas Pereira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Licenciando em Artes Visuais

[wemerson.icii@gmail.com](mailto:wemerson.icii@gmail.com)

**Mariana Nunes dos Santos**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Licencianda em Artes Visuais

[Mariana.nsantos17@gmail.com](mailto:Mariana.nsantos17@gmail.com)

### RESUMO

Como expressar a riqueza imagética contida nos poemas de Manoel de Barros? No quintal de seus versos, maior que os mundos conhecidos, a palavra de Barros nos encantou, sendo apresentada às crianças de forma que o encanto produzido no leitor/professor/aprendente pudesse contaminar o leitor/estudante/ensinante. Encontramos o movimento e a polifonia presentes nos silêncios da poesia de Barros na canção “O menino e o rio”, composta por Marcio de Camillo com os versos de Manoel de Barros. Encontramos no texto multimodal o meio para expressão infantil, um clipe de animação feito com desenhos e projeto inicial de crianças do 1º ano de escolaridade do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. A edição final ficou a cargo dos bolsistas participantes do projeto “Cinema na Educação Básica: Experiência e Formação no CAp/UERJ”, com imagens capturadas pelo programa Muan, em separado das crianças em virtude da longa greve vivida em 2016. Nesse jogo todo, quem ensina e quem aprende? A professora propõe, as crianças se envolvem, cantam, imaginam, criam com cores e formas bem diversificadas. Somos privilegiados por vermos em primeira mão essas obras-primas desses pequeninos artistas. Na construção desse clipe fomos transportados ao universo infantil em múltiplas linguagens. O resultado foi exposto no Festival “Foto Rio 2017”, por um grupo de autores emocionados e felizes, que mesmo após um lapso de tempo, tiveram a chama da alegria acesa pelo seu trabalho. Seus desenhos em movimento, ao sabor da canção que não se cansaram de repetir todo o tempo, revelaram sua sinceridade expressiva, a falta de temor ainda existente no universo infantil, em desenhar como se imagina.

Palavras-chave: cinema-educação, expressividade, Manuel de Barros

## ABSTRACT

How can the opulent imagery contained in the poems of Manoel de Barros be expressed? In the backyard of his verses, larger than the known worlds, Barros' words enchanted us. Being presented to the children, that charm produced in the reader / teacher / learner could contaminate the reader / student / teacher. We find the movement and polyphony presented in the silences of Barros' poetry in the song "O menino e o rio", composed by Marcio de Camillo with Manoel de Barros' verses. We found in the multimodal text the means for children's expression, an animation clip made with drawings and an initial children's project of the 1st year of schooling of Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. The fellowships were in charge of participating in the final edition of the project " Cinema na Educação Básica: Experiência e Formação no CAp/UERJ ", with images captured by the Muan program, separated from the children due to the long strike the juveniles went through in the presented institution in 2016. In this game, who teaches and who learns? The teacher proposes, children get involved, sing, imagine, create with very diverse colors and shapes. The teacher gets privileged to see firsthand these masterpieces of these little artists. In the construction of this videoclip, we were transported to the children's universe in multiple languages. The result was exhibited at the festival "Foto Rio 2017", by a group of excited and happy authors who, even after a lapse of time, had the flame of joy ignited by their work. Children's drawings in motion, the taste of the song that they did not get tired of repeating all the time revealed their expressive sincerity, the lack of fear still existing in the infant universe, in drawing as they imagine.

Keywords: cinema-education, expressiveness, Manoel de Barros

## TEXTO COMPLETO

### 1. INTRODUÇÃO

A reflexão sobre as imagens no cotidiano escolar da Educação Básica tem sido objeto de estudos por diferentes grupos de pesquisa do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira(CAP/UERJ), em especial pelo Laboratório de Ensino Leonardo da Vinci: Desenho, Linguagem Visual e Comunicação(LEDEN LV) e pelo recém criado Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias(GEPEJI), do qual participam os autores deste artigo. Os estudos desenvolvidos perpassam os sentidos dos textos não-verbais, suas relações com os textos verbais, e, em especial, seu potencial expressivo.

O CAp/UERJ é uma unidade acadêmica da UERJ atuante em duas modalidades de formação, organicamente articuladas: como uma escola pública de educação básica e como um instituto superior, que atende às licenciaturas da universidade, para as quais são voltadas as atividades de pesquisa, ensino e extensão realizadas pelo seu corpo docente. O projeto Cinema na Educação Básica: Experiência e Formação no CAp/UERJ (CINECAP) foi criado em 2012 pelos professores Ezequiel Oliveira e Cláudia C Andrade, como parte de suas atividades de pesquisa e extensão, após a percepção de que a linguagem do cinema não tinha um lugar próprio nas propostas do instituto, em si, como arte, como objeto de estudo, mas tão somente como instrumento pedagógico(BASTOS, 2016). Com o projeto constituímos um *locus* específico para criação, elaboração crítica e produção de repertório sobre/do cinema no espaço pedagógico.

Herdamos técnicas e bases teóricas a partir da vivência como participantes do Edital 02/2007: MCT/SEBRAE/FINEP/Ação Transversal – Cooperação ICT – MPE – Economia da Cultura, de apoio a escolas públicas para a criação de escolas de cinema, executado pela profa. Dra. Adriana Fresquet, então coordenadora do CINEAD/UFRJ (Cinema para aprender e desaprender), em 2012. Como elementos teóricos principais, trazemos dessa vivência a hipótese-cinema de Bergala (2008) e o eixo descrito por Fresquet (2010): cinema como possibilidade de aprender, desaprender e reaprender. Com esses dialogamos a partir dos conceitos de experiência (BENJAMIN,1991; BONDÍA, 2001) - como fundadora do conhecimento significativo-, e as relações entre as linguagens verbal e não-verbal, sob a ótica do dialogismo bakhtiano (1997) e da análise do discurso (ORLANDI, 1995,1997).

Em sua organização, o projeto realiza três ações: as sessões de cinema, com ou sem debate(sessão deleite ou debate), no espaço escolar ou fora dele(sessões externas); as oficinas de cinema, em que os estudantes realizam suas próprias produções; e a DVdoteca, com o intuito de criar um banco de filmes, com interrogações e provocações em forma de resenhas. Fazendo parte desse trabalho, há os dois licenciandos que também escrevem este texto: Wemerson Freitas é bolsista de Estágio Interno Complementar (EIC), e Mariana Santos, de Extensão(EXT). O trabalho é realizado em discussões com professores do CAP/UERJ e pesquisadores associados. A equipe conta, atualmente, com nove participantes, sob a coordenação da professora Cláudia Andrade. A partir de 2016 fundamos, com a professora Dra. Mônica Lins, o GEPEJI, desenvolvendo a pesquisa *Juventudes, infâncias e a liberdade do ser aprendiz: multiplicidades de sentidos em diálogos no CAP-UERJ*, com financiamento FAPERJ.

O desenvolvimento de diferentes atividades tem esbarrado na precarização das atividades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ), levada a cabo nos últimos anos. A descontinuidade das aulas no CAP/UERJ em decorrência dos sucessivos atrasos de salário, bolsas e fomentos tem interferido sobremaneira em nossas atividades, já que pressupõem a participação efetiva do conjunto de estudantes. Porém, apesar do caos instalado, temos buscado formas de produzir e realizar as sessões de cinema, em parceria com os professores da unidade, e buscando brechas no exíguo tempo escolar para fazermos algumas produções. Resiliência e resistência têm sido as palavras que, cotidianamente, utilizamos como forma de sobreviver, e re-existir.

O estabelecimento de relações teóricas a partir da discussão sobre filmes que retratam a infância e a juventude é o norte metodológico do GEPEJI: a partir dos diálogos travados emergem necessidades de estudo dos conceitos teóricos suscitados, com os quais passamos a dialogar, aparando arestas e analisando contradições e similaridades. Buscasse, portanto, a compreensão dos dados da realidade iluminada pela teoria, sem que essa nos impeça de perceber outras compreensões, outros olhares.

Este texto também segue essa proposição: seis olhos guiando seis mãos, em busca de refletir e apresentar uma experiência prática vivida por nós três. À medida que fomos conversando sobre o trabalho, fomos analisando a experiência vivida com o auxílio precioso de Benjamin(1980, 1984, 1994), Orlandi(1997), Bakhtin(1997, 2000), Buoro(2003), Barbosa(2008), dentre outros que, conosco, dialogaram.

A experiência vivida foi a produção de um clipe de animação “O menino e o rio”, com crianças do 1º ano de escolaridade, em 2016. Em virtude do estado de descontinuidade e incerteza em que vivemos, o clipe foi produzido nas brechas, nas pequenas fissuras que o rio da crise ainda abre no chão da universidade. Sobre ele trazemos o relato de sua realização e reflexões sobre o trabalho da escola com o cinema e sobre o fazer infantil.

## 2. A POESIA, A MÚSICA: BARROS E CAMILLO

"O planeta não precisa de mais 'pessoas de sucesso'. O planeta precisa desesperadamente de mais pacificadores, curadores, restauradores, contadores de histórias e amantes de todo tipo. Precisa de pessoas que vivam bem nos seus lugares. Precisa de pessoas com coragem moral dispostas a aderir à luta para tornar o mundo habitável e humano, e essas qualidades têm pouco a ver com o sucesso tal como a nossa cultura o tem definido." **Dalai Lama**

Acreditamos na atividade pedagógica em prol de um outro mundo, no qual o encantamento do ser diminua as terríveis consequências da ganância do ter. Assim mergulhamos no universo encantador das palavras com uma turma de 1º ano de escolaridade. Escolhemos Manoel de Barros, relido por Márcio de Camillo(2012), no CD Crianceiras<sup>1</sup>. A música “O menino e o rio” foi então ouvida, cantada, reconhecida, pois é uma das músicas que abrem o canal Gloob. Como essa informação foi fornecida pelas crianças, em suas vivências pelas redes, tratamos de encontrar o canal, e encontramos um clipe. A letra da música foi exposta em um cartaz e reproduzida para cada criança. Nas aulas, cada uma dizia que imagens surgiam quando pensávamos na letra da música: como será um rio passando por dentro da casa? E o quintal maior que o mundo? A riqueza expressiva de Manoel de Barros nos levava a muitos quintais, a muitos meninos, às aranhas, à diversidade de experiências que habita cada criança. Vimos o clipe, analisamos suas imagens, seus sentidos. E da profusão de experiências foram surgindo os desenhos de cada criança. Inspirados pelo clipe do canal Gloob desejamos levar para aquela telinha nossa própria expressão, as imagens e movimentos que então nos habitavam. Nascia a ideia do nosso próprio clipe de animação.

---

<sup>1</sup> Márcio de Camillo é compositor, cantor, e tem feito produções de qualidade. O CD que utilizamos foi o Crianceiras Manoel de Barros, considerado um dos três melhores trabalhos para o público infantil no “Prêmio da Música Brasileira” em 2012. O compositor também produziu um trabalho semelhante, com poemas de Mário Quintana. Cf em [www.crianceiras.com.br/manoel-de-barros/](http://www.crianceiras.com.br/manoel-de-barros/)

### O MENINO E O RIO

MANOEL DE BARROS (MUSICADO POR MARCIO DE CAMILO)

O CORPO DO RIO PRATEIA  
QUANDO A LUA SE ABRE  
PASSARINHOS DO MATO GOSTAM  
DE MIM E DE GOIABA

UMA RÃ ME BENZEU  
COM AS MÃOS NA ÁGUA  
COM OS FIOS DE ORVALHO  
ARANHAS TECEM A MADRUGADA

ERA O MENINO E OS BICHINHOS  
ERA O MENINO E O SOL  
O MENINO E O RIO  
ERA O MENINO E AS ÁRVORES

CRESCI BRINCANDO NO CHÃO  
ENTRE FORMIGAS  
MEU QUINTAL É MAIOR  
DO QUE O MUNDO  
POR DENTRO DE NOSSA CASA  
PASSAVA UM RIO INVENTADO  
TUDO O QUE NÃO INVENTO  
É FALSO

ERA O MENINO E OS BICHINHOS  
ERA O MENINO E O SOL  
O MENINO E O RIO  
ERA O MENINO E AS ÁRVORES

Figura 1: Texto distribuído às crianças



Figura 2: Desenho de um aluno

Aprendemos com a obra poética de Manoel de Barros, no sentir, o que nos diz Orlandi(1997): é justamente no silêncio que reside a multiplicidade de sentidos. Assim, na esperança de encontrar o movimento e a polifonia presentes nos silêncios da poesia

de Barros, nos propusemos a repensar o que ele nos dizia, abrindo formas de expressar o que as crianças sentiam.

### 3. A EXPRESSIVIDADE SINCERA DAS CRIANÇAS

Eu fico com a pureza da resposta das crianças. É a vida, e é bonita.  
Gonzaguinha

Pablo Picasso nos disse: "Quando eu tinha 15 anos sabia desenhar como Rafael, mas precisei uma vida inteira para aprender a desenhar como as crianças" (*apud* ACHCAR, 2006). O famoso pintor, em sua célebre frase, nos remete à capacidade artística das crianças, muitas vezes tolhida pelos desenhos prontos para pintar, ou técnicas diretas. Como Picasso, perceber a riqueza expressiva dos desenhos das crianças é atividade comum entre professores, e nos fascina, quando o olhar docente abandona as representações canônicas e se abre ao novo. Um caso interessante é de um professor colecionador de desenhos infantis, que passou por nossa trajetória. Esse fato nos fez prestar mais atenção aos desenhos infantis, e perceber suas possibilidades expressivas, que nos trazem as sensações de liberdade e desprendimento. É pura expressão com linhas, apenas. Diferente da visão de adultos e adolescentes que começam a encarcerar suas visões buscando validar um desenho apenas pela exaltação da técnica. Perdemos a coragem, a liberdade e, principalmente, a sinceridade de poder expressar como sabemos e podemos, aquilo que nos toca e nos representa. Muitos adultos falam "eu não sei desenhar, meu desenho é igual de criança..." Que ótimo! Desenhe mais como criança.

Achcar(2006, p.1) apoiada em Iavelbeg(1995), assinala que

os desenhistas têm ideias próprias sobre o que fazer e são elas que regem suas ações e interpretações. O desenho não é simplesmente a representação do mundo visível, mas uma linguagem com características próprias, que envolve decisões individuais e de culturas coletivas.

A visão do adulto sobre a criança é, muitas vezes, limitadora de suas capacidades. Em "Velhos livros infantis", Benjamin (1984) critica a infantilização proposta por alguns livros que, para o filósofo, beiram ao ridículo, em virtude de uma imagem equivocada, que fere a sagacidade infantil. Por outro lado, Benjamin chama a atenção para a criança como ser pensante, recriador, mas imersa em sua cultura: "a criança quer puxar alguma coisa e se transforma em cavalo, quer brincar com areia e se transforma em pedreiro, quer se esconder e se transforma em bandido ou policial" (BENJAMIN, 1994, p.247). Assim, o que determina o que será brinquedo é a brincadeira e não o contrário, como sugere o ideário adulto. Porém, ressalva o fato de que "as crianças não constituem nenhuma comunidade separada, mas são partes de povo e da classe a que pertencem" (BENJAMIM, 1994, p.248). O sujeito infantil é também sujeito lúdico (FLORES, 2005), e tem sua constituição e sua significação nas práticas culturais; logo, ele é resultado da construção histórica e cultural da sociedade em que (con)vive.

Essa forma dialética de perceber a infância nos permite pensar que ela é capaz de criar a poesia e de se inserir de uma maneira própria no movimento sociocultural de sua época, de inventar sentidos, como nos diz Manoel de Barros.

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a

criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.  
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –  
O verbo tem que pegar delírio. (BARROS, 2001, p. 15)

Ela não é, então, um ser incompleto, a espera de sua “forma final” no futuro adulto, em devir, portanto, mas alguém que vive o seu tempo, recriando-o segundo suas vivências. E fazendo parte desse mundo, uma linguagem de símbolos culturais que vão sendo internalizados. Para Buoro(2003)

Faz-se necessária uma tomada de consciência dessa presença maciça, pois pressionados pela grande quantidade de informação, estabelecemos com as imagens relações visuais pouco significativas. Espectadores frequentemente passivos, temos por hábito consumir toda e qualquer produção imagética, sem tempo para deter sobre ela um olhar mais reflexivo, o qual a inclua e a considere como texto visual visível e, portanto, como linguagem significativa. Somos submetidos às imagens, possuídos por elas, e sequer contamos com elementos para questionar esse intrincado processo de enredamento e submissão (BUORO, 2003, p.34).

Ao fazermos leitura de imagem, estamos colocando em prática um processo de decodificação e compreensão de expressões formais e simbólicas envolvendo componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, neurológicos, culturais e econômicos. Devemos manter nosso olhar sempre treinado para leitura de imagens, pois nos possibilita compreender um pouco mais sobre cada aluno e esse fantástico universo de possibilidades que os mesmos criam.

[...] a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho ao seu meio ambiente nem estrangeiro a seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence reforçando e ampliando seus lugares no mundo (BARBOSA, 2008 p.18).

#### 4. A MÚSICA QUE TRANSBORDA O RIO: EXPERIÊNCIA QUE VAZA E CONTAMINA A EDIÇÃO

A proposta das crianças fazerem esse clipe foi muito interessante, em especial por percebermos como elas ouviam a música, se envolviam com a melodia, harmonia e a construção de imagens que produziam no seu interior. Assim os desenhos permitiram o exercício de extrair do campo da imaginação para o papel suas vivências, inclusive as imagens do clipe do canal Globo<sup>2</sup>. Cada um foi se lembrando de seus personagens e elementos da história, construindo à sua maneira e com o que mais se identificava. Então aconteceu a mágica: transformá-los em animação.

O processo de animação foi desenvolvido em três aulas. Pensamos o fundo, um papel azul, e munidos de um notebook com o programa Muan<sup>3</sup>, fomos conversando com as

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=HAK66YSvEBg>

<sup>3</sup> MUAN((Manipulador Universal de Animação) é um software livre, disponibilizado pelo Anima Mundi gratuitamente, através do site [www.muan.org.br](http://www.muan.org.br).

crianças, ouvindo suas sugestões, ponderando e fotografando. A ideia era montar com eles um stop motion. Fizemos um teste e apresentamos. Os pequenos ficaram fascinados vendo seus desenhos ganharem vida. À medida que fomos montando pequenas cenas, víamos a necessidade de outros desenhos. Eles se organizaram para desenhar e recortar as figuras.

Porém, em virtude de um problema com o computador, as cenas montadas com eles foram perdidas. Ficamos muito desolados, mas resolvemos editar o material que tínhamos. E, então, surgiram as questões: como potencializar a visão dessas crianças? Como misturar a visão única de cada um, a partir de um desenho estático, em uma história que tem vida? Foi preciso exercitar a criança interior e a criatividade, já que o processo de animação e edição ocorreu na ausência dos criadores, em virtude da longa greve vivida em 2016.

Para perceber, o espectador ou observador tem de criar sua experiência. E a criação deve incluir relações comparáveis às vivenciadas pelo produtor original. Mas tanto naquele que percebe quanto no artista deve haver uma ordenação dos elementos do conjunto que, em sua forma, embora não nos detalhes, seja idêntica ao processo de organização conscientemente vivenciado pelo criador da obra (DEWEY, 2010, p.137).

A animação de seus desenhos foi outro ponto interessante e um efeito completamente novo pra eles. Foi muito satisfatório ver a expressão no rosto de cada um quando se depararam pela primeira vez com o curta finalizado. Significou uma nova possibilidade. Por mais que a proposta tenha sido explicada, vendo o produto final sentiram a magia da animação. Cada um havia desenhado o seu "menino", e foi muito inspirador encontrar, no meio deles, o desenho de uma menina. Para poder englobar todas essas visões, resolvemos utilizar todos os desenhos. Não era só um menino, uma casa, um tipo de animal. O videoclipe somou todas as formas de vê-los. E aprendemos, muito, com a ação de ensinar. Na verdade, conseguimos senti-la em uma dimensão próxima à descrita por Alves e Dimenstein:

o educador é o aprendiz há mais tempo e educar é ensinar o encanto das possibilidades. Isso, para mim, é a magia da educação. É quando você mostra o quarto movimento da nona sinfonia de Beethoven e a pessoa vê um mundo diferente [...]... Isso é o educar! É quando você consegue abrir uma possibilidade, seja ela qual for. (ALVES, DIMENSTEIN, 2003, pp. 82-83).

A finalização da edição<sup>4</sup> trouxe uma grande surpresa: a bolsista que fez a edição final não havia participado das aulas, mas havia partes muito, muito semelhantes às pensadas pelas crianças. Chegamos a pensar que ela havia conseguido resgatar as cenas já montadas, mas isso, infelizmente, não aconteceu. Então, como ela conseguiu extrair a essência da proposta anterior: magia? Parece-nos que a experiência vivida, no sentido que Benjamin dá ao termo, ao ser narrada vira acontecimento. Bakhtin(1997, 2000) também nos socorre, ao explicitar, na natureza da linguagem, o diálogo constitutivo. Os sentidos produzidos na vivência com o texto e suas releituras em forma de imagem foram capturados pela montadora, formando novos elos. O espaço desse artigo não nos permite tal aprofundamento: fica a inquietação que a realidade traz para a teoria.

---

<sup>4</sup> O clipe está em nossa página do You Tube: <https://www.youtube.com/watch?v=Z8MRrQE59Q>

### CONSIDERAÇÕES FINAIS: RIO QUE SEGUE

Todos aprendemos e todos ensinamos, cada um com sua marca - como a própria construção do videoclipe, com suas multilinguagens – em forma de poema, desenho, canção, silêncios, gestos... O resultado foi exposto no Festival “Foto Rio 2017”, por um grupo de autores emocionados e felizes, que mesmo após um lapso de tempo, tiveram a chama da alegria acesa pelo seu trabalho. Seus desenhos em movimento, ao sabor da canção que não se cansaram de repetir todo o tempo, revelaram sua sinceridade expressiva, a falta de temor ainda existente no universo infantil, em desenhar como se imagina, em revelar sua emoção sem constrangimento.

Foi momento de muita emoção: ver em tela grande os desenhos que haviam produzido, esteticamente distribuídos ao longo da canção, transformados em videoclipe. Sentaram-se à mesa, para falarem de sua experiência. Desse momento lindo, uma fala e um ato. Ao ser perguntada sobre as diferenças entre os clipes, o do Gloob e o nosso, uma menina falou impulsionada, acreditamos, pela emoção, pela “aura” do momento: “Acho o nosso mais criativo”.

O ato finalizou a conversa com o público: dois meninos se levantaram e formaram corações no símbolo do CAP/UERJ, que estampa suas blusas escolares. Do que foi vivido ficam muitas aprendizagens, dentre elas a certeza de que o trabalho com a criança envolve muita escuta e respeito: diálogo. O menino e o rio ficaram em nós, em cada um de uma forma. E seguimos, resistindo, re-existindo: #capuerjresiste!



Figura 3: Final da apresentação no Festival Foto Rio

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHCAR, Tatiana. Pequenos artistas. *Revista Nova Escola*(on line). 01.mai.2006 . Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/1275/pequenos-artistas>. Acesso em setembro de 2017

ALVES, Rubem; DIMENSTEIN, Gilberto. *Fomos maus alunos*. Campinas: Papirus, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. Processo Civilizatório e Reconstrução Social através da Arte. *XII Simpósio Internacional Processo Civilizador*, Recife, 2008. Disponível em <[http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/mesas\\_redondas/MR\\_Barbosa.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Barbosa.pdf)>. Acesso em novembro de 2017.

BARROS, Manoel. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 2001

BASTOS, Patricia. Potencialidades das Experiências de Cinema na escola de Educação Básica 2016. 148f. Dissertação (Mestrado de Ensino em Educação Básica) - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p 29-56. (Coleção Os pensadores).

\_\_\_\_\_. *Reflexões: A criança e o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994

BUORO, Anamélia Bueno. *Olhos que pintam*. São Paulo: Editora Cortez, 2003

CAMILLO, Marcio de. *Crianceiras*. São Paulo: Criatto Produções; Marcio de Camillo, 2012. Disponível em <http://www.crianceiras.com.br/manoel-de-barros>. Acesso em novembro de 2017.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FLORES, Zilá Gomes de Moraes. A criança em Walter Benjamin e Florestan Fernandes. *28ª. Reunião Anual da Anped*. 2005. Anais. Disponível em <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07397int.pdf>>. Acesso em nov.2017.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.